

UNIVERSIDADE ESTÁCIO DE SÁ
PÓS-GRADUAÇÃO “LATO SENSU”

**Educação Financeira para Cursos de Licenciatura: Componente da
Formação do Futuro Docente.**

Por: Cassius Almada Ramos

Orientador
Professor MS. Edvaldo de Farias

Rio de Janeiro
2014

UNIVERSIDADE ESTÁCIO DE SÁ
PÓS-GRADUAÇÃO “LATO SENSU”

**Educação Financeira para Cursos de Licenciatura: Componente da
Formação do Futuro Docente.**

Apresentação de monografia à Universidade Estácio de Sá como requisito parcial para obtenção do grau de especialista em Docência no Ensino Superior.

Por: Cassius Almada Ramos

FOLHA DE AVALIAÇÃO

UNIVERSIDADE ESTÁCIO DE SÁ
PÓS-GRADUAÇÃO “LATU SENSO”
CURSO: DOCÊNCIA NO ENSINO SUPERIOR

TÍTULO DA MONOGRAFIA:

**Educação Financeira para Cursos de Licenciatura: Componente da
Formação do Futuro Docente.**

AUTOR: Cassius Almada Ramos

Professor Orientador: Ms. Edvaldo de Farias

Data da Entrega: ____/____/____

Avaliado por : _____ Conceito: _____

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho ao meu amigo Gaspar.

AGRADECIMENTOS

Ao meu amigo Gaspar, brilhante professor de matemática e economista, por todas as suas contribuições.

Ao meu orientador Ms.Edvaldo de Farias, pelo suporte no pouco tempo que lhe coube, pelas suas orientações certeiras.

À minha amiga Dra.Denise Candal por todas as suas orientações, desde a época da graduação.

A todos os professores do Curso de Docência, que foram tão importantes na minha vida acadêmica e no desenvolvimento desta monografia.

RESUMO

A importância de cuidar das finanças transcende a compreensão da Matemática, pois também abrange assimilar muitos conceitos, que envolvem a tomada de decisões, onde a razão e a emoção têm que estar sempre em equilíbrio. Educação Financeira como disciplina de um Curso de Licenciatura é de extrema relevância. O profissional responsável por esta disciplina deve deixar evidente ao discente que Educação Financeira é um conceito muito mais amplo e complexo. Neste trabalho trataremos da necessidade de se pensar em uma prática educativa que prepare o licenciado que venha a ministrar a disciplina de Educação Financeira, não só para fazer uso da matemática como instrumento técnico, mas também a associe ao raciocínio lógico, utilizando as potencialidades dos alunos, enquanto sujeitos ativos do processo de ensino-aprendizagem.

Palavras-chave: Educação Financeira. Licenciatura. Prática Educativa.

ABSTRACT

The importance of taking care of finances overcomes the understanding of Mathematics, once it also covers acquiring many concepts that involve taking decisions, where reason and emotion must always be in harmony. Financial Education as a subject of a degree course is extremely important, that's why the professor in charge of it should make it clear for the students that it brings in itself a broader and complex concept. The aim of this research is to focus the need for a deeper thought on an educational practice which prepares the Financial Education prospective teacher, not only to make use of Maths as a technical instrument, but also connect it to logical reasoning, using the students' potential as active agents of the teaching-learning process.

Keywords: Financial Education. Graduation. Educational Practice.

Sumário

INTRODUÇÃO.....	9
CAPÍTULO I. ANÁLISE DA CONJUNTURA ECONÔMICA DO BRASIL A PARTIR DE 2003.....	12
1.1. CENÁRIO ECONÔMICO DE 2003 À 2008.....	12
1.2. CENÁRIO ECONÔMICO DE 2008 AOS DIAS ATUAIS	13
CAPÍTULO II. EDUCAÇÃO FINANCEIRA	17
2.1. CONCEITO	17
2.2. POR QUE EDUCAR-SE FINANCEIRAMENTE?	17
CAPÍTULO III. PLANEJAMENTO.....	19
3.1. CONCEITO	19
3.2. PLANEJAMENTO PESSOAL: ORGANIZAÇÃO E DISCIPLINA	19
3.3. PLANEJAMENTO EMOCIONAL: RAZÃO VERSUS EMOÇÃO	20
3.4 UM OLHAR CAPITALISTA	21
3.4 PLANEJAMENTO FINANCEIRO	22
CAPITULO IV: A NECESSIDADE DA PREPARAÇÃO DO LICENCIADO PARA A DISCIPLINA DE EDUCAÇÃO FINANCEIRA.	24
CONSIDERAÇÕES FINAIS	Erro! Indicador não definido.
REFERÊNCIAS	27

INTRODUÇÃO

Segundo dados do Banco Central do Brasil publicados em 2013 pelo Jornal O Globo,¹ a quantidade de famílias brasileiras endividadas, que era de 18,39% em janeiro de 2005, aumentou para 25% em fevereiro de 2007 e, no início de 2008, superou a barreira dos 30%, dando um salto para incríveis 45,1% em 27 de setembro de 2013. Esse crescimento mostra, de forma preocupante, que a falta de educação financeira tornou-se um problema crônico no Brasil para uma grande parte da população.

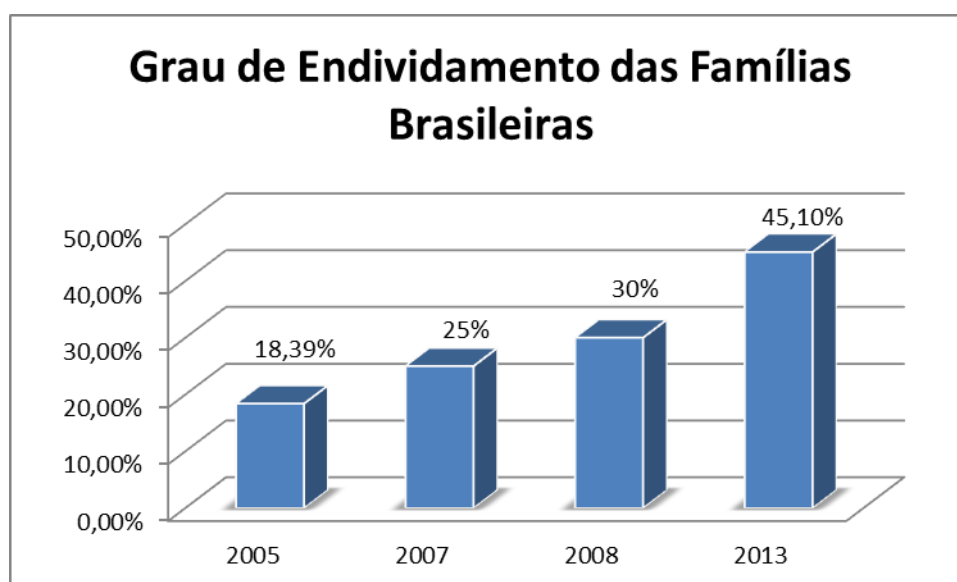


Figura 1. Grau de Endividamento das Famílias Brasileiras.

É notório que, ao longo dos últimos dez anos, houve um incentivo governamental para a concessão de crédito. Este incentivo, aliado à falta de educação financeira do cidadão, teve consequências catastróficas para a economia doméstica.

Outro fator que contribui de forma significativa para esse endividamento é o “imediatismo de consumo”, de produtos ou serviços que na maioria das vezes as pessoas não necessitam naquele momento. A falta do uso da razão no momento de “consumir algo” sem prévio planejamento leva a pessoa a assumir uma dívida que, muitas vezes, não pode ser honrada.

¹ O GLOBO, Jornal. **Planejar e diversificar** – Suplemento especial do Jornal O Globo 25/11/2013.

O aumento do endividamento das famílias, segundo os economistas, está diretamente relacionado ao fraco crescimento da economia brasileira, que gera expansão menor da renda. Aliado a isto, temos o aumento da inflação que diminui o poder de compra da população como um todo.

Outro fator que contribui para o interesse por novos empréstimos é o crédito imobiliário que está em expansão, fato sinalizado por Júlio Miragaya (2013), membro do Conselho Federal de Economia. Miragaya, em vídeo da CBN² comenta que “Houve uma facilitação ao crédito por parte do governo ao longo dos últimos anos” e toca num ponto importante que é a educação financeira.

“A falta de educação financeira é um problema crônico. A disciplina de educação financeira deveria existir nos cursos fundamental e médio”.

Júlio Miragaya

O Projeto de Lei nº 171/09, que institui a Educação Financeira como um conteúdo obrigatório da disciplina de Matemática nos Ensinos Fundamental e Médio, continua tramitando no Senado Federal. Esta lei tem por objetivo alterar o artigo 26 da Lei nº 9394/96, que estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional,

Art. 26. Os currículos da educação infantil, do ensino fundamental e do ensino médio devem ter base nacional comum, a ser complementada, em cada sistema de ensino e em cada estabelecimento escolar, por uma parte diversificada, exigida pelas características regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia e dos educandos. (Redação dada pela Lei nº 12.796, de 2013)

§ 3º A educação física, integrada à proposta pedagógica da escola, é componente curricular obrigatório da educação básica, sendo sua prática facultativa ao aluno: (Redação dada pela Lei nº 10.793, de 1º.12.2003)

Paralelamente, existe o decreto nº 7.397 de 22 de dezembro de 2010, que institui a Estratégia Nacional de Educação Financeira – ENEF, cuja finalidade é “promover a educação financeira e previdenciária, bem como contribuir para o fortalecimento da cidadania, eficiência e solidez do sistema financeiro nacional e a tomada de decisões conscientes por parte dos consumidores”³.

A ainda inexistente disciplina de Educação Financeira nos Ensinos Fundamental e Médio repassa a responsabilidade deste tipo de educação para o Ensino Superior, que, por sua vez, também não abraça esta causa.

² https://www.youtube.com/watch?v=c9mw4JFU3XI#aid=P9eu57W_49Y.

³ <http://www.vidaedinheiro.gov.br/Enef/>

Seria muito bem vinda uma proposta de disciplina que abrangesse conteúdos de Educação Financeira, principalmente nas Licenciaturas, onde os futuros professores pudessem promover a orientação financeira de seus alunos.

CAPÍTULO I. ANÁLISE DA CONJUNTURA ECONÔMICA DO BRASIL A PARTIR DE 2003

“Houve uma grande mudança demográfica da população brasileira, na última década, com a saída da pobreza de 28,8 milhões de pessoas. O crescimento da classe média brasileira criou incentivos para o desenvolvimento de produtos para os segmentos de renda mais baixa. Apesar do interesse em canais e produtos adequados para os clientes de baixa renda ou desbancarizados, poucos têm um entendimento contextualizado de como esse público utiliza seu dinheiro e produtos financeiros.” *GAP - Diários Financeiros de famílias G2P no Brasil Technology and Business Model Innovation November 2013.*

É essencial que o aluno, e futuro docente, tenha conhecimento das transformações econômicas e políticas ocorridas no Brasil desde 2003, para que possa compreender o cenário atual.

A troca de um partido de situação por um de oposição gerou grandes incertezas no começo do ano de 2003, quando Lula assumiu a Presidência do Brasil, vide as altas taxas de inflação e o câmbio elevado.

1.1. CENÁRIO ECONÔMICO DE 2003 À 2008

As primeiras iniciativas tomadas pelo governo Lula no ano de 2003 foram apoiar o Banco Central a manter as metas de inflação. Desta forma, foi possível controlar o salto inflacionário, mas com uma elevação da taxa de juros. Esta política teve como consequência uma restrição ao crédito.

Ao longo do ano de 2003, observou-se uma queda da inflação, que abriu um caminho para a redução da taxa básica de juros que é utilizada como referência pela política monetária, a chamada taxa SELIC.

A balança comercial apresentou um saldo excelente ao final do ano de 2003, fruto do desempenho das exportações frente às importações.

O que os analistas e os investidores tanto temiam no começo de 2002, tais como, saldo negativo em conta corrente, inflação e calote da dívida pública, não se concretizaram, contrariando as previsões. O risco Brasil teve uma queda neste período. Apesar do PIB negativo observado ao longo do ano de 2003, a credibilidade interna e

externa por parte dos investidores aumentou de forma significativa, devido à solidez dos fundamentos econômicos do país.

Passada esta fase inicial do governo Lula, o país potencializou um grande salto na sua balança comercial devido ao gigantesco crescimento da China. A economia chinesa demandou, no período de 2003 a 2008, uma grande quantidade das *commodities* produzidas no Brasil, tais como minério de ferro, café, soja, suco de laranja, petróleo, alumínio etc. Estas exportações representam divisas, empregos e enriquecimento de uma nação.

O aumento das exportações das *commodities* brasileiras gerou empregos e possibilitou uma melhora significativa na renda das famílias, criando um círculo virtuoso da economia, com a ampliação do comércio de diversos itens de uma forma geral. Além disso, a facilitação do crédito possibilitou às camadas mais pobres da população consumir itens que até então não lhes eram acessíveis, tais como geladeira, máquina de lavar, televisão, aparelho de telefone celular, carro, viagens, etc. Esse aumento sem precedentes do consumo doméstico gerou novos empregos na indústria, no comércio e nos serviços de maneira geral.

1.2. CENÁRIO ECONÔMICO DE 2008 AOS DIAS ATUAIS

Em 2008, com a falência do banco Lehman Brothers, em função do *subprime* Americano (crédito de risco concedido às famílias com rendas instáveis e inferiores à desejada), iniciou-se um processo de reversão da conjuntura econômica mundial. As primeiras consequências foram a restrição ao crédito e o aumento das taxas de juros nas instituições financeiras mundiais.

Este fato contribuiu para o aumento do endividamento das famílias americanas e teve como consequência imediata a queda do consumo. Uma vez que a China é um grande exportador de produtos manufaturados para os Estados Unidos e o Brasil é um grande exportador de *commodities* para a China, a crise americana não só afetou as exportações brasileiras, como também desestabilizou todo um cenário econômico mundial.

O Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA) Acumulado, indicador oficial do Governo Federal para aferição das metas inflacionárias, calculado pela soma dos valores mensais ao longo dos 12 meses anteriores ao mês de aniversário

do investimento, usando a base de março 2013, chegou a superar a meta de inflação de 6,5%, quando atingiu 6,59%. Em função disto, o Comitê de Política Monetária do Banco Central do Brasil (COPOM), iniciou um ciclo de alta dos juros em abril de 2013, justificando o aumento da taxa SELIC, que em janeiro de 2013 estava em 7,25 % e termina o ano em 10%, ou seja, um aumento nominal de 2,75% ao longo do ano⁴.

Mês	2010	2011	2012	2013	2014
JAN	4,59%	5,99%	6,22%	6,15%	0,55%
FEV	4,83%	6,01%	5,85%	6,31%	0,69%
MAR	5,17%	6,30%	5,24%	6,59%	
ABR	5,26%	6,51%	5,10%	6,49%	
MAI	5,22%	6,55%	4,99%	6,50%	
JUN	4,84%	6,71%	4,92%	6,70%	
JUL	4,60%	6,87%	5,20%	6,27%	
AGO	4,49%	7,23%	5,24%	6,09%	
SET	4,70%	7,31%	5,28%	5,86%	
OUT	5,20%	6,97%	5,45%	5,84%	
NOV	5,64%	6,64%	5,53%	5,77%	
DEZ	5,91%	6,50%	5,84%	5,91%	

Figura 2. IPCA

⁴<http://br.advfn.com/indicadores/ipca>.

Ano	Acumulado
2014	1,24%
2013	5,91%
2012	5,83%
2011	6,50%
2010	5,90%
2009	4,31%
2008	5,90%
2007	4,45%
2006	3,14%
2005	5,69%
2004	7,60%
2003	9,30%
2002	12,53%
2001	7,67%
2000	5,97%
1999	8,94%

Figura 3. IPCA Acumulado

A média das expectativas do mercado divulgada pelo Banco Central mostra, que no início do ano de 2013, era esperada uma expansão de 3,4% do PIB e atualmente a expectativa é que o PIB cresça 2,5%. Além disso, a agência de classificação de risco Standard & Poor's⁵ anunciou em junho de 2013 a mudança na perspectiva do risco Brasil, de neutra para negativa. Isto, no cenário macroeconômico, significa que o Brasil está se tornando mais arriscado para investidores quando comparado com outros países.

O cenário econômico internacional impactou as aplicações financeiras até mesmo de quem só investe no Brasil. A redução do ritmo de crescimento da economia chinesa e a elevação das taxas de juros dos títulos americanos foram fatores relevantes para o desempenho negativo dos ativos no mercado brasileiro.

É notório que, ao longo de dez anos, o cenário econômico brasileiro modificou-se. O ciclo virtuoso de crescimento de renda, emprego e consumo não é mais o mesmo. O aumento inflacionário, das taxas de juros e a modificação dos fundamentos

⁵ <http://www.ecofinancas.com/noticias/s-p-coloca-11-instituicoes-financeiras-brasileiras-perspectiva-negativa/relacionadas>.

macroeconômicos da economia brasileira sinalizam um quadro negativo. A desaceleração do crescimento da China tem reflexos nas exportações das *commodities brasileiras*, na taxa de desemprego, e conseqüentemente, afetando a renda dos trabalhadores. A diminuição da renda compromete o consumo, criando desta forma um quadro cíclico de baixo crescimento econômico, ou seja, a inversão do ciclo virtuoso.

CAPÍTULO II. EDUCAÇÃO FINANCEIRA

2.1. CONCEITO

A palavra EDUCAR origina-se do Latim *educare*, que tem como principais significados “instruir” e “criar”. Essa palavra era composta por *ex*, “fora” e *ducere*, que significa “guiar, conduzir, liderar”. Já o vocábulo FINANÇAS tem sua origem do Francês medieval *finance*, que significa “término de uma dívida, quitação”.

2.2. POR QUE EDUCAR-SE FINANCEIRAMENTE?

A importância de cuidar das finanças transcende a compreensão da Matemática, pois também abrange assimilar muitos conceitos, que envolve a tomada de decisões, onde a razão e a emoção têm que estar sempre em equilíbrio.

Educação Financeira, como disciplina de um Curso de Licenciatura é muito relevante. O profissional responsável por esta disciplina deve deixar evidente ao discente que Educação Financeira é um conceito mais amplo e complexo. Seu principal objetivo não é quitar dívidas, e sim evitá-las, embora muitas pessoas só comecem a se planejar quando já estão extremamente endividadas. Infelizmente este módulo de educação não está inserido nos programas de ensino e a responsabilidade acaba ficando por conta dos exemplos familiares, de alguns educadores e, principalmente de atitude e iniciativa pessoal.

Ser hábil e ter conhecimento sobre as próprias finanças são premissas fundamentais para lidar com questões financeiras. Tais aptidões nos ensinam os caminhos mais eficazes para lidar com o dinheiro de forma consciente e regrada. A educação financeira permite ao cidadão que ele gaste, poupe, invista e evite erros amadores na gestão de suas finanças pessoais.

A independência financeira é um sonho que a maioria das pessoas compartilha, mas somente as que incorporam determinados conceitos conseguem atingir. Esta independência tão almejada está intimamente ligada com a forma de se lidar com o dinheiro e os valores pessoais de cada um.

Para atingir esta meta é fundamental ser disciplinado e, principalmente, equilibrado diante das decisões de consumo que se deve tomar ao longo da vida.

Para Eliana Bessinger⁶, consultora, educadora financeira e mestre em economia de empresas pela Fundação Getúlio Vargas em São Paulo,

“Educar-se financeiramente é passar a dirigir nossas próprias vidas. A educação financeira é o ensino de uma linguagem muito especial: a das oportunidades no mundo financeiro e no mundo dos negócios. Quando sabemos essa linguagem, estamos capacitados a ler, analisar e administrar todas as questões que envolvam o nosso bem-estar nessa área. Com raras exceções, as pessoas que buscam conhecimento financeiro extraem grande satisfação desses momentos, porque passam a perceber que não precisam mais delegar seu futuro a ninguém. Sentem que saem do banco do carona e vão para o do motorista, passando a dirigir suas próprias vidas. É a educação financeira que nos torna 100% responsáveis por nossas conquistas e pelo futuro que desejamos”.

⁶ BUSINGER, Eliana. **Entrevista para o site Hipermeios.com.br**
<http://www.hipermeios.com.br/website/noticias/show.asp?nwsCode=A85B86AD-874F-8E37-2734-B875BA18F104>

CAPÍTULO III. PLANEJAMENTO

3.1. CONCEITO

Planejamento, segundo o dicionário Aurélio, é

“ato ou efeito de planejar. Trabalho de preparação para qualquer empreendimento, segundo roteiro e métodos determinados. Processo que leva ao estabelecimento de um coordenado de ações (pelo governo, pela direção de uma empresa, etc.). Elaboração de planos ou programas governamentais especialmente na área econômica e social: Ministério do Planejamento”.

3.2. PLANEJAMENTO PESSOAL: ORGANIZAÇÃO E DISCIPLINA

Assumir as rédeas da própria vida está longe de ser uma tarefa fácil. Paradoxalmente também está longe de ser uma tarefa difícil, ao contrário do que muitos pensam. Tomar decisões, onde a razão sobrepõe-se sobre a emoção, é a parte mais fácil. O mais difícil é a disciplina que se deve ter e a postura que se deve assumir ao abraçar estas decisões, onde o lado emocional será gradativamente mais exigido.

Não é raro ouvir histórias de pessoas “decididas” que abandonaram suas metas por falta de disciplina. É claro que há casos e casos e, muitas vezes, é difícil apontar culpados, mas muito dos fracassos pessoais estão intimamente ligados à falta de um planejamento eficiente.

Porém, ninguém está livre dos acontecimentos aleatórios do dia a dia. Tanto fatos positivos quanto negativos acontecem a todos e, infelizmente, não há como evitá-los sempre. Por mais que se planeje, não se podem prever todos os acontecimentos, muitos deles caóticos em algumas circunstâncias.

Um indivíduo, por exemplo, planeja minuciosamente todas as etapas para viajar com a família em um feriado. No dia da viagem, o carro enguiça (mesmo tendo passado por uma revisão) e a viagem é adiada para o dia seguinte, ou até mesmo cancelada. É notório que não há nada que possa ser feito. Por mais que se tenha planejado tudo para que nada desse errado, infelizmente o pior aconteceu.

Diferentemente de uma pessoa que deseja programar uma viagem para o exterior e deixa para solicitar o visto às vésperas. Quando percebe que não haverá tempo para consegui-lo, lamenta-se por não ter se planejado antes.

Para Peter Ferdinand Drucker, escritor e professor de origem austríaca, considerado como o pai da administração moderna, “O planejamento não diz respeito às decisões futuras, mas às implicações futuras de decisões presentes”. Quando uma pessoa não se prepara de forma adequada para realizar alguma atividade, tudo passa a ser vivenciado de forma espontânea e com uma ideia ingênua e ilusória de que tudo dará certo. Exceto por um golpe de sorte do destino, é mais provável que não haja êxito.

Seguir um planejamento à risca exige organização, disciplina e muita força de vontade, o que para muitos não é uma tarefa trivial. Mas isso não significa que o planejamento está livre de pequenas alterações em sua trajetória. Em alguns momentos faz-se necessário aparar arestas e até mesmo abrir exceções para tentar contornar situações adversas do cotidiano.

3.3. PLANEJAMENTO EMOCIONAL: RAZÃO VERSUS EMOÇÃO

A vida é uma via de mão dupla. Em alguns momentos age-se na emoção e em outros, prevalece a razão. Na emoção, as decisões são impulsivas e normalmente experimentam-se resultados imediatos. A razão “sai de férias momentaneamente” e abre-se espaço para viver experiências de alegria, êxtase e de realizações. Nas decisões emotivas, a euforia prejudica o pensamento crítico.

Já a razão dá um xeque mate na emoção, onde a vida passa a ser enxergada com outros olhos. Avaliar, ser paciente e refletir sobre os acontecimentos antes de agir são virtudes essenciais para quem deseja tomar decisões de cunho racional. Normalmente, estas decisões estão focadas em resultados futuros, raramente no presente.

Mas na prática, emoção e razão não são definições antagônicas. Elas andam de mãos dadas e, contraditoriamente, em muitos casos, são o complemento uma da outra.

Há situações em que a tomada de decisões pode ser tornar motivo de sofrimento e de arrependimento e é preferível adiar estas decisões ao invés de tomá-las. Um exemplo seria imaginar-se no lugar de uma pessoa que precisa demitir um funcionário

de uma empresa, mas que também é seu amigo. Esta pode se tornar uma tarefa extremamente amarga, pois normalmente pessoas emotivas são tidas como fracas e tolas, enquanto que as racionais são vistas como frias e calculistas.

A busca do equilíbrio e da pacífica convivência entre razão e emoção, por si só, já são desafios para uma vida inteira. Tomar uma decisão acertada envolve muitas variáveis, tais como lugar, momento e principalmente o autoconhecimento, sendo a ausência deste último, motivo de infelicidade e frustração.

O aforismo "Conhece-te a ti mesmo", difundida pelo filósofo Sócrates na antiga Grécia, é possivelmente a expressão filosófica que melhor define a necessidade do ser humano de se adaptar ao mundo em que vive. É uma máxima que conjectura um encargo indispensável para o desenvolvimento pessoal a fim de garantir a hegemonia da espécie humana. À medida que este autoconhecimento aflora, vive-se com mais qualidade, dando ao indivíduo um estímulo maior para que exerça o mais cedo possível a consciência e noção de sua plenitude.

Trocando em miúdos, “conhecer-se” é não se sabotar. É conhecer seus limites e respeitar suas fraquezas, evitando assim, trilhar caminhos tortuosos e traçar metas impossíveis. Decisões racionais devem sempre estar acompanhadas de uma boa base emocional. Enquanto a razão tem caráter “decisivo”, a emoção “questiona a decisão” e , a longo prazo , a ausência de uma estrutura emocional equilibrada acaba comprometendo todo um planejamento.

3.4 UM OLHAR CAPITALISTA

O principal objetivo do capitalismo é o lucro. Incentivado pelo consumo, o dinheiro gira e, desta maneira, fecha-se o ciclo virtuoso de crescimento (mais empregos => mais renda => mais consumo => mais demanda => mais investimentos => mais fábricas => mais empregos => mais renda...).

Para manter o ciclo virtuoso em funcionamento “ótimo” é necessário que o consumo seja feito de forma racional e equilibrada. O uso excessivo da emoção leva o consumidor a não ter um planejamento, levando-o assim a consumir de forma desnecessária e descontrolada. Essa dose excessiva de impaciência, aliado ao consumo desenfreado, conduzem fatalmente ao endividamento pessoal e à inversão do ciclo

virtuoso (menos renda => menos consumo => menos demanda => menos investimentos => menos fábricas => menos empregos => menos renda...).

À medida que se avança neste processo de conscientização, possuir um bom planejamento financeiro deixar de ser item opcional, passando a ser obrigatório para aqueles que almejam desfrutar de uma vida de qualidade.

3.4 PLANEJAMENTO FINANCEIRO

Atualmente, a forma mais recomendável para organizar as finanças pessoais é a utilização de uma planilha financeira. Seus inúmeros recursos proporcionam ao usuário controlar as receitas e despesas de forma rigorosa e detalhada, tornando possível uma melhor organização e administração dos recursos.

Mesmo para aqueles que ainda relutam em se inserir na era digital, há uma boa notícia. Com apenas papel e caneta em mãos, embora mais trabalhoso, pode-se ter controle total sobre as finanças pessoais.

Em todo planejamento financeiro, três pontos são considerados essenciais ao longo de toda a sua trajetória:

- Controlar gastos: Receitas e Despesas
- Estabelecer metas
- Administrar as conquistas

Diante dos três itens supracitados, deve-se sempre começar o planejamento financeiro pessoal pelo controle de gastos. É fundamental saber o quanto se ganha (receitas) e o quanto se gasta (despesas) antes de estabelecer qualquer objetivo. Quando as receitas são maiores que as despesas, administrar os recursos existentes torna-se uma tarefa agradável e prazerosa, mas quando as despesas superam as receitas há um sério problema a ser resolvido.

Para diminuir as despesas, a fim de cortar gastos, é imprescindível saber a diferença entre as despesas fixas e as variáveis:

- Despesas fixas: São aquelas que praticamente já estão definidas mês a mês e são necessárias à sobrevivência, tais como: aluguel, condomínio, luz, água, alimentação, gás, transporte, etc.

- Despesas variáveis: São aquelas que sofrem eventuais alterações mês a mês, pois não são despesas essenciais, tais como: refeições fora de casa (diversão), presentes, cinema, teatro, remédios, etc.

Um bom planejamento financeiro deve focar primeiramente na redução das despesas variáveis. Havendo ainda a necessidade de reduzir gastos, deve-se analisar a possibilidade de reduzir também as despesas fixas.

É notório que, em alguns casos, algumas despesas variáveis podem se tornar despesas fixas, como por exemplo, pessoas que necessitam consumir remédios diariamente.

Com as receitas e despesas equilibradas, estabelecer metas torna-se uma tarefa possível. Investir na educação dos filhos, viajar, adquirir a casa própria e comprar um veículo são alguns exemplos de objetivos comuns em planejamentos financeiros pessoais.

Os objetivos podem ter valores e prazos diversos. Para os inexperientes é recomendável estabelecer metas simples e de curto prazo, para que possam ter retorno mais rapidamente e assim ganharem confiança a cada nova empreitada. Desta forma abre-se caminho para metas mais pretensiosas e de longo prazo.

Uma vez alcançada uma determinada meta é importante criar um laço sentimental com a conquista. Celebrar uma vitória é uma forma de valorizar todos os esforços despendidos durante a jornada, marcando assim, o encerramento de um ciclo e o início de outro.

A lembrança de bons momentos cria uma memória emocional eficiente que serve de estímulo para a criação de novos hábitos. É uma forma de ampliar os horizontes e renovar os pensamentos em busca de novos desafios.

Com o sistema capitalista fortalecido pelo acelerado desenvolvimento das indústrias, vive-se hoje em uma sociedade de consumo desenfreada, isto é, uma sociedade que compra e consome compulsivamente sem se preocupar com um dos maiores problemas econômicos da atualidade: o desperdício.

O ápice de um planejamento financeiro eficaz se atinge quando há a consciência da importância de evitar o desperdício.

Administrar e valorizar a conquista são, sem hesitação, os fatores mais importantes a se considerar em qualquer projeto de vida. Quanto maior for objetivo a ser alcançado, maior devem ser a paciência e a persistência em buscá-lo. Somente quem consegue atingir seus objetivos sabe o esforço que foi necessário para chegar até lá.

CAPITULO IV: A NECESSIDADE DA PREPARAÇÃO DO LICENCIADO PARA A DISCIPLINA DE EDUCAÇÃO FINANCEIRA.

Como um curso de licenciatura pode preparar seus discentes para atuar na disciplina de Educação Financeira, na sua gestão financeira, de forma que haja eficiência no orçamento doméstico?

Há que se pensar em propostas didáticas para se formar o docente que venha a ministrar a disciplina de Educação Financeira. Esta disciplina está de acordo com uma função importantíssima da Universidade, em especial, das Licenciaturas, que é a de inclusão social, dando condições ao futuro docente de orientar a tomada de decisões. Decisões estas que envolvem as relações do dia a dia dos alunos no que diz respeito a consumo, gastos e endividamento, que estão intimamente ligadas à Matemática.

É necessário se estudar uma prática educativa que prepare o licenciado, não só para fazer uso da matemática como instrumento técnico, mas também a associe ao raciocínio lógico, utilizando as potencialidades dos alunos, enquanto sujeitos ativos do processo de ensino-aprendizagem. O licenciado precisa utilizar o instrumento “matemática” para tomada de decisões, para descobrir, determinar soluções lógicas e eficientes que digam respeito às relações do licenciado com a sociedade.

Como proposta didática, o licenciado deve orientar a otimização de receita em face às necessidades, bem como apresentar métodos de administração de finanças pessoais, com ferramentas de Matemática Básica, Financeira e Noções de Economia, de forma a preparar o discente para tomada de decisões.

A abordagem da disciplina Educação Financeira não deve se basear somente nos conceitos Matemáticos, mas sim, observar e utilizar a interdisciplinaridade e a contextualização. Disciplinas de Sociologia, Filosofia, Didática, Políticas Públicas, Antropologia e outras, intrínsecas às Licenciaturas, contribuem de forma significativa para a formação do discente.

Em uma sociedade que exige e promove cada vez mais um consumo vigoroso é essencial que o licenciado tenha conhecimento do funcionamento da máquina capitalista, de forma que possa habilitar seus alunos a contribuir não só para seu crescimento individual como também para o desenvolvimento da economia do país.

Saber lidar com as finanças é uma forma de exercer a cidadania, contribuindo também assim para o crescimento socioeconômico da nação.

A preparação do Licenciado deve levar em consideração que este poderá encontrar em sua sala de aula alunos de diversas classes sociais, inclusive alunos mais carentes e que não possuem a menor noção de educação financeira. O futuro professor será, portanto, um elemento importantíssimo no processo de conscientização financeira desses alunos.

Uma vez que os alunos assimilaram os conceitos e os principais objetivos da educação financeira, torna-se mais viável o desenvolvimento de trabalhos envolvendo o uso do dinheiro em situações do cotidiano destes. As propostas de trabalho do Licenciado devem não só se ajustar aos objetivos da educação financeira, mas também se adequar as necessidades de seus alunos, pois suas dúvidas vão desde um simples planejamento doméstico até ao entendimento das taxas de mercado consideradas em um empréstimo bancário.

Independentemente do trabalho realizado, a proposta de ensino-aprendizagem é formar um indivíduo consciente de que a educação financeira é uma das principais competências que asseguram a qualidade de vida no futuro e que é preciso aprender a gerar dinheiro com responsabilidade e empreendedorismo, saber gastar, economizar e investir de forma responsável e equilibrada a fim de tomar sempre decisões financeiras saudáveis.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A disciplina de Educação Financeira está de acordo com uma função importantíssima da Universidade, em especial, das Licenciaturas, que é a de inclusão social, dando condições ao futuro docente de orientar a tomada de decisões.

Os cursos de Licenciatura precisam preparar seus discentes para atuar na disciplina de Educação Financeira, na sua gestão financeira, de forma que haja eficiência no orçamento doméstico. É necessário se estudar uma prática educativa que prepare o licenciado, não só para fazer uso da matemática como instrumento técnico, mas também utilizar o raciocínio lógico, utilizando as potencialidades dos alunos, enquanto sujeitos ativos do processo de ensino-aprendizagem.

O licenciado precisará utilizar o instrumento “matemática” para tomada de decisões, para descobrir, determinar soluções lógicas e eficientes que digam respeito às relações do licenciado com a sociedade. O profissional responsável pela disciplina de Educação Financeira deve deixar evidente ao discente que esta disciplina é um conceito mais amplo e complexo. Seu principal objetivo não é quitar dívidas, e sim evitá-las, embora muitas pessoas só comecem a se planejar quando já estão extremamente endividadas.

REFERÊNCIAS

PUCCINI, Abelardo de Lima. **Matemática Financeira Objetiva e Aplicada**. 9 ed. rev. e atual. Rio de Janeiro: Elsevier Editora Ltda, 2011

BRASIL. Projeto de Lei nº 3401/04. **Câmara dos Deputados**.

Poder Legislativo, Brasília, DF.

BRASIL. Projeto de Lei nº 171/09. **Senado da República**

Poder Legislativo, Brasília, DF.

BRASIL. Decreto nº 7.397, de 22 de dezembro de 2010. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**. Poder Executivo, Brasília, DF.

BRASIL. Decreto nº 9394/96. Lei das Diretrizes e Bases da Educação Nacional **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**. Poder Executivo, Brasília, DF.

PRATES, Luiz Carlos. **Consumo e Educação Financeira**. 2013.

Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=l0FpsNVEDGY>.

Acesso em 10/09/2013 às 15:38h.

PRATES, Luiz Carlos. **Endividamento das Famílias Pobres**. 2010.

Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=nExRa5TcMvU>.

Acesso em 10/09/2013 às 15:56h.

BUSINGER, Eliana. **Entrevista para o site Hipermeios.com.br**

Disponível

em:

<http://www.hipermeios.com.br/website/noticias/show.asp?nwsCode=A85B86AD-874F-8E37-2734-B875BA18F104>

Acesso em 01/01/2014 às 00:56h.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Novo Aurélio – **O Dicionário da língua Portuguesa Séc XXI** – 3ª edição. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999, p. 1582

GIANNETTI, Eduardo. **O valor do amanhã: ensaio sobre a natureza dos juros** – São Paulo; Companhia das Letras, 2005.

O GLOBO, Jornal. **Planejar e diversificar** – Suplemento especial do Jornal O Globo 25/11/2013.

JUNIOR, Marco Aurélio Kistemann. Seminário CAP-UERJ de Educação Matemática - **Educação Financeira: o que nos passa despercebido no cotidiano financeiro-econômico**. 30/01/2014.

Site na Internet: **International Gateway for Financial Education**

Disponível em:

http://www.financial-education.org/Brazil_National_Strategy_for_Financial_for_Financial_Education_ENEF.html

Acesso em 11/01/2014 às 13:11h.

SÁ, Ilydio Pereira de. **Duas vezes 100 é 200?** Revista do Professor de Matemática, n° 70- Sociedade Brasileira de Matemática – Editora Alciléia Augusto – 2009

Site na Internet: http://pt.wikipedia.org/wiki/Peter_Drucker

Acesso em 13/01/2014 às 10:21h.

KIYOSAKI, Robert T.; LECHTER, Sharon L. **Pai rico, Pai pobre para jovens: o que a escola não ensina sobre dinheiro.** 1º edição. Editora Moderna, 2004

CERBASI, Gustavo. **Casais inteligentes enriquecem juntos.** – São Paulo: Editora Gente, 2004

CERBASI, Gustavo. **Dez bons conselhos de meu pai que me ajudaram muito a prosperar.** – Rio de Janeiro: Objetiva, 2013

PIÑON, Nélida. Artigo: **Conhece-te a ti mesmo** - Academia Brasileira de Letras - Jornal do Brasil (Rio de Janeiro) 15/2/2006

Disponível em:

<http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infol=1238&sid=369>

Acesso em 04/02/2014 às 17:25

TENÓRIO, Mônica de Freitas Araújo. Monografia: **Educação Financeira.** - Recife: UNESA, 2013.

MARTINS, Sérgio. **Educação Financeira ao alcance de todos,** São Paulo, 2004.